

ARTIGO

O sentimento de culpa na obra *O mal-estar na cultura* (1930)

The feeling (or sentiment) of guilt in the work *Civilization and Its Discontents* (1930)

Ingrid Galboni Silva Bolina

Graduação em andamento em Filosofia. Universidade Federal de São João Del'Rei – UFSJ. São João Del'Rei, MG- Brasil.

Resumo: Na obra *O mal-estar na cultura* (1930) Freud dirá, encharcado de ironia, que “a felicidade não estava nos planos da criação”. Usaremos essa afirmação como abertura para a leitura que ele fará do padecimento como condição da vida em sociedade. Passaremos por uma introdução que vincula o mal-estar a *O futuro de uma ilusão* (1927). Em seguida tocaremos na concepção metapsicológica dos princípios do prazer e desprazer, com o intuito de evidenciar a importância da renúncia no psiquismo. A partir daí, teremos preparado o terreno para a investigação acerca do sentimento de culpa, que passará por *Totem e Tabu* (1913) rumo a *O Mal-estar na cultura* (1930), onde exploraremos tal sentimento como vinculado à instância psíquica Supereu.

Palavras-chave: metapsicologia; cultura; supereu.

Abstract: In Freud's *Civilization and Its Discontents* (1930) he will say, drenched in irony, that “happiness was not in the plans of creation”. We will use this statement as an opening for the reading he will make of suffering as a condition of life in society. We will go through an introduction that links *Civilization and Its Discontents* to *The Future of an Illusion* (1927). Then we will touch on the metapsychological conception of the principles of pleasure and displeasure, in order to highlight the importance of renunciation in the psyche. From there, we will have paved the way for the investigation of the feeling of guilt, which will pass through *Totem and Taboo* (1913) towards *Civilization and Its Discontents* (1930), where we will explore this feeling as linked to the psychic instance Superego.

Keywords: superego; metapsychology; culture.

Introdução

A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa.

(MÃE, V.H., 2013, p. 74)

Conforme Freud (1930) indica a felicidade não parece estar nos planos da criação. Essa afirmação é uma abertura para o pensamento de Freud na obra *O mal-estar na cultura* (1930). Escolhemos essa passagem porque ela evidencia o resultado, para o autor, de uma questão muito cara à filosofia: a busca pela felicidade. Ele elabora seu livro tendo em vista responder, com os elementos que a psicanálise possibilita, o motivo pelo qual somos fracassados nesse projeto. Para tal intuito, uma concepção ética é redigida e será através dela que poderemos entender do que se trata o malogro, em parte constituinte e em parte adquirido, do sofrimento psíquico.

Inicialmente, vamos mostrar, *grosso modo*, em qual cenário *O mal-estar na cultura* (1930) foi escrito, isso porque, segundo a tradição, em se tratando do pensamento de Freud, isto é, da formulação de um campo de conhecimento inovador, é relevante ser posto em evidência o que poderia ter sido influente em seus relatos, até porque muitos dos resultados de suas teorias tiveram seu germe em sua autoanálise, o que torna muito difícil separar completamente homem e obra. O livro de 1930 foi escrito no período entreguerras, o que, segundo a leitura de Renato Mezan (1985, p. 513), teve influência para o diagnóstico pessimista que ele faz da sociedade. Por isso se pode afirmar, não por uma análise psicológica, e sim pela tensão que se mostra entre essa obra e *O futuro de uma ilusão* (1927), que foi escrito pouco antes, apesar de ambos os livros possuírem um mesmo fundo: a tentativa de uma análise social a partir da psicanálise. No caso de *O futuro de uma ilusão* (1927), existe uma tese que assume o amadurecimento progressivo da humanidade; mais detalhadamente, Freud faz uma comparação entre a religiosidade socializada e as fases da vida de um indivíduo, identificando o animismo com a infância e politeísmo e monoteísmo com a adolescência. E o autor expõe ainda, como uma possibilidade, uma fase de maior amadurecimento, na qual não existirá mais a crença em divindades; tratar-se-ia do futuro e, como sua consequência, da emancipação humana por meio do reconhecimento de sua responsabilidade¹. A partir desse futuro, o que seria utilizado como valorativo não seria mais a fé religiosa, e sim a racionalidade. Essa aposta no futuro cai por terra na obra *O mal-estar na cultura* (1930), porque nela Freud assume que a civilização é *em si* fonte de sofrimento, ou seja, deixa de ser um caminho para a melhora da humanidade e passa a ser ela mesma o cerne do problema.

Os limites instalados por princípio

O autor elenca as causas de frustração no capítulo três (1930), sendo elas: 1) a onipotência da natureza, 2) ausência de domínio do corpo e 3) falha na regulamentação das cadeias sociais. Esses acontecimentos têm um indicativo em comum, segundo a leitura de Henri Rey-Flaud (2002): eles são percebidos como feridas narcísicas, uma vez que são colocados como limites intransponíveis para o indivíduo.

Ora, a articulação freudiana na obra *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911) permite-nos compreender melhor essas delimitações e o motivo pelo qual elas são fonte de sofrimento, tendo em vista que o que é insuportável e causa adoecimento é aquilo que grifa a necessidade da passagem do princípio do prazer para o princípio de realidade. Explicitemos esse movimento dinâmico, o do prazer-desprazer. Freud começa seu trabalho nos dizendo que busca entender a relação entre fantasia e neurose, o que mais uma vez evidencia a importância dos casos patogênicos no estudo psicanalítico². Segundo o autor, a neurose tem como

1 No livro *Freud, pensador da cultura* (1985), Renato Mezan dir-nos-á que essa tese foi fortemente criticada por conter elementos que trazem o ocidente como o modelo de civilização, o que não se sustentaria, segundo leituras da antropologia, especialmente as elaboradas por Levi Strauss e Pierre Clastres.

2 Cf. *Estudos sobre a histeria* (1893-1895).

consequência o afastamento do indivíduo da realidade. E, se a neurose tem relação com a fantasia, é salutar esclarecer o motivo pelo qual isso se dá, nos termos dinâmicos da metapsicologia. Freud diz que há um afastamento da realidade na neurose porque o indivíduo busca escapar de um sofrimento; isto é, a realidade, para o neurótico, é considerada toda, ou em parte, insuportável. Esse afastamento poderia ocorrer em diversos níveis, sendo o mais extremo entre eles o caso da psicose alucinatória; mas, em toda neurose, um pouco da sobreposição da fantasia sobre a realidade estaria em jogo. O estudo desses princípios, a saber, o de prazer e desprazer, possibilitaria que se trouxesse um pouco de luz à compreensão do fenômeno da neurose. Não é, por sua vez, apenas nos casos de adoecimento psíquico que eles se mostraram relevantes. O psiquismo se forma tendo-os como base, segundo a experiência analítica freudiana. A tendência principal dos processos anímicos inconscientes seria a de funcionar segundo o prazer-desprazer. Em outras palavras, o aparelho psíquico³ funcionaria com o objetivo de evitar o desprazer ao reduzir tensão recebida pelos estímulos. Freud dir-nos-á que o exercício do sonhar e o afastamento pela manhã dos sentimentos do sonho, que podem ser de ordem dolorosa, servir-nos-ão como exemplo da tendência a evitar o desprazer.

O autor retoma considerações elaboradas na obra *A Interpretação dos Sonhos* (1899-1900), dizendo-nos que o repouso psíquico foi interrompido primordialmente, por necessidades das quais o indivíduo não podia desviar-se – necessidades internas⁴. Isso teria estreita relação com o que acontece quando se sonha, ou seja, nos sonhos haveria uma primazia do princípio do prazer – no qual há a tendência à descarga da energia que circula no aparelho psíquico; em outras palavras, tendência ao repouso psíquico. A alucinação cumpriria seu efeito enquanto o indivíduo adormece, no entanto, ela não é suficiente para satisfazer as demandas necessárias à sobrevivência; isso porque ela não poderia satisfazer o desejo para o qual está inclinada quando este se coloca como necessidades vitais, como seria, por exemplo, a fome. Haveria então uma frustração através dessa rota alucinatória e é apenas por isso que se mostrou necessário encontrar um outro caminho, segundo o qual o impulso pudesse ser, de fato, atendido⁵. Nas palavras de Freud, “O aparelho psíquico teve que se decidir a formar uma ideia das reais circunstâncias do mundo exterior e se empenhar em sua real transformação” (FREUD, 1911, p. 83).

A partir de então também está posto o que é desagradável, aquilo ao que o psiquismo teria que passar a responder, através da tentativa de evasão da excitação. Segundo Freud, graças a isso, houve uma remodulação no aparelho psíquico, o que teve, por consequência, uma elevação da importância dos sentidos e da consciência que se relaciona com eles. Ocorreu também o desenvolvimento da atenção e um sistema de registro de memória. E, ainda, uma afetação no que tange à repressão, que até estava respondendo às excitações possibilitando a fuga alucinatória, como um modo de evitar o desprazer. No lugar da “simples” alucinação, passou a ser necessária a implantação do julgamento, isto é, através da capacidade de julgar se uma ideia era verdadeira ou falsa, o que funcionaria tendo em vista as experiências registradas da realidade. Anteriormente ao desenvolvimento da atenção, registro e memória, o aparelho psíquico só poderia esvair a excitação por meio de manifestações motoras, mas, associado ao julgamento, desenvolveu-se o *processo de pensamento*, que possibilitou que as descargas de energia passassem a ser menores e mais bem

3 O Aparelho Psíquico é um modelo imagético elaborado por Freud com o intuito de ilustrar a maneira pela qual os processos dinâmicos, tópicos e econômicos ocorreriam no psiquismo. Sua primeira aparição foi na obra *A interpretação dos sonhos* (1900) e sua gênese pode ser encontrada em *Projeto para uma psicologia científica* (1985), que foi publicado apenas depois da morte de seu autor.

4 Posteriormente trabalhadas como pulsões.

5 Todo esse movimento é expresso, de maneira detalhada, na obra *Projeto para uma psicologia científica* (1985).

direcionadas. Segundo Freud, isso provavelmente começou inconscientemente e só posteriormente, através da experiência com a realidade e com os resíduos verbais, pôde ser parcialmente consciente. Nem tudo, no entanto, foi submetido ao princípio de realidade. Alguns fenômenos herdaram os traços dessa vivência inicial voltada ao princípio do prazer, como, por exemplo, os sonhos e as fantasias. Esse princípio é resguardado porque há uma forma de se lidar com as inclinações excitativas que não passa pelo teste de realidade; Freud dir-nos-á que no início da vida os investimentos sexuais são autoeróticos, ou seja, são investidos pelo próprio corpo e encontram nele um meio de satisfação. Assim, o autor evidencia o estreitamento entre fantasia e sexualidade e grifa a importância de ambos os princípios em questão.

Ora, não é justamente disso que Freud fala quando afirma que abandonamos as satisfações primitivas, que ele exemplifica com a dominação do fogo⁶, buscando uma forma de viver que seja mais segura e por consequência mais longa? Em outras palavras, não é a renúncia ao prazer imoderado que nos possibilita a permanência na vida? Disso se segue um preço a ser pago pela vivência prolongada. Nas palavras do autor, “Descobriu-se que o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe” (FREUD, 1930, p. 45). A afirmação freudiana pode aparentar trazer um juízo de valor acerca da civilização. Mas ressaltemos desde já que não é esse o projeto em questão. Não se trata de dizer que seria melhor voltarmos ao estado animalesco, e sim colocar em questão quais foram as consequências de termos saído deste estado. É bom nos lembramos, apesar da obviedade, que é apenas através de uma sociedade cultural que se pode fazer uma crítica a ela; é como ilustra Henri Rey-Flaud, trazendo-nos a bonita metáfora de que esse problema se coloca tal como a pomba branca de Kant, que sofre pela resistência do ar, mas depende dela para fazer qualquer trajeto.

O estabelecimento social se trata então, para Freud, de um desenvolvimento fundamentado na renúncia, da qual nunca vamos nos sentir livres, porque ela não foi apenas um acontecimento espaço-temporal: ela é atualizada em cada indivíduo, tanto porque a passagem do princípio do prazer para o princípio de realidade é condição do desenvolvimento psíquico, quanto porque vivemos em um meio gregário.

A moral herdada

No livro *Totem e Tabu* (1913), também de Freud, encontramos elementos que defendem o padecimento como condição da sociedade, tese que coincide com seu pensamento em 1930. Segundo o autor, o sentimento de culpa, que é percebido como sofrimento, é constituinte, isso porque é herdado geneticamente dos nossos ancestrais. Interessado nas origens dos fenômenos psíquicos que ele via na clínica, o autor buscou na antropologia respostas para pensar a universalidade de suas elaborações. Para tal empreitada, ele decide voltar sua atenção para os aborígenes australianos que, segundo ele, seriam os povos mais afastados da civilização, uma vez que ainda não dominavam uma série de coisas que eram consideradas evoluídas, como, por exemplo, o domínio da cerâmica e a constituição estatal. Isso não significa que Freud entendia haver uma identidade entre essa formação social e os povos originários, uma vez que ele reconhecia já estarem em questão elementos históricos que afastavam os aborígenes do que ele viria a chamar posteriormente de *horda primeva*. No entanto, a grande distância entre esses povos e os desenvolvimentos do ocidente tornaria possível a dedução de condições em comum como universalizáveis. O que salta aos olhos de Freud é a curiosa coincidência de que também eles (os aborígenes) tenham

⁶ Segundo Freud (1930), a dominação do fogo só foi possível porque o homem controlou seu desejo de apagá-lo com a urina, ato que lhe daria muito prazer e que estaria vinculado à virilidade.

uma moral sexual elaborada na proibição do incesto. Estamos falando de povos que seriam canibais e que nem sequer dominavam a agricultura e a pecuária: como conciliar tal distância social com uma concepção moral que os ocidentais também resguardam? Essa percepção é desdobrada pelo autor e se mostra muito frutífera, pois possibilita uma articulação com a gênese da religião e também com o sentimento de culpa. Segundo Freud, o critério da exogamia para os casamentos teria uma estreita relação com a religião a que esse povo aderiu, o *Totemismo*.

O totemismo consiste em um sistema de crença que eleva os totens a um patamar divino, sendo eles fontes de *tabu*: palavra polinésia que, segundo Freud, traz em si tanto o que é sagrado quanto aquilo que é profano. Um totem poderia ser um animal, vegetal ou manifestação da natureza. A palavra tabu, associada ao totem, é muito certa porque, para os aborígenes, existe uma relação dupla com essas divindades: elas são tanto dignas de veneração quanto de medo. A ambivalência afetiva é um dos grandes temas explorados na obra de 1913. Para o autor, o totemismo está fundamentalmente ligado à exogamia. Sua reflexão acerca deste assunto resulta na elaboração de um *mito científico*, que se passaria nos seguintes termos: em uma época antiga, teria havido uma tribo ancestral na qual um pai expulsara seus filhos do lugar em que eles moravam e reservara todas as fêmeas, mães e irmãs, para o usufruto de seu próprio prazer. Em determinado momento, os filhos se rebelam e assassinam o pai. Depois de morto, o pai é servido em um banquete, onde todos os filhos o consomem. Ora, o que se esperaria a seguir seria que eles tomassem as mulheres disponíveis para si. Mas não é isso que ocorre; o que há é uma afirmação mais forte ainda do que a do pai vivo de que aquelas mulheres são proibidas. Assim, instaurar-se-ia uma sociedade sectária, regida sobre duas leis: a proibição do incesto e do parricídio. Freud nos diz que, ao cometerem o parricídio, os filhos são tomados pelo sentimento de culpa, e por isso são incapazes de tomar para si as mulheres que estão vinculadas ao pai. O sentimento de culpa existe porque, apesar de odiarem a figura paterna, os filhos também a amavam, pois o pai era o representante do poder e por isso foi muito admirado. Aqui vemos que havia um conflito pendendo sob a imagem do ser paternal. Os filhos o odiavam, mas, de alguma maneira, desejavam sê-lo. Mas, para tomar o lugar de alguém, este lugar precisaria estar vago, por isso o desejo assassino prevalece sobre o ideal, prendendo o destino do pai à aniquilação canibalesca. O totem seria, para o autor, nada mais do que um avatar do pai em questão. E os rituais do totemismo, celebrações que reatualizavam as cenas primevas, que foram marcantes de tal maneira, encontraram um meio de expressão em todo terreno social. Isso porque a exogamia é o critério para o advento social, uma vez que apenas através da busca de outros parceiros haveria a troca necessária para que qualquer agrupamento de indivíduos florescesse, troca tanto no sentido cultural – que possibilitaria o desenvolvimento cultural – quanto genético.

Segundo Renato Mezan, “O totemismo é uma espécie de contrato passado com o pai. É a presença/ausência deste parceiro que funda a igualdade entre os irmãos; e esta não consiste na decisão de alienar sua liberdade, mas na responsabilidade comum pelo crime cometido” (MEZAN, 1985, p. 348). A deixa de Mezan é salutar porque entendemos que Freud se coloca, nos termos de *Totem e Tabu*, como um pensador que coincide com algumas teorias políticas da filosofia que fundamentam o advento da civilização tendo em vista um contrato social. Tratar-se-ia então de um mito político, que busca, assim como os contratualistas clássicos, responder como a força se transforma em direito. Era necessário que isso se passasse em formato de mito, uma vez que se pensam origens que são inacessíveis. Assim, entendemos que o mito em questão reflete o fundamento do vínculo social, pois teria sido a causa, segundo Freud, de uma mutação na estrutura psíquica dos membros da horda, mutação que todos teríamos herdado e que se manifestaria na estrutura edipiana e também no sentimento de culpa inconsciente.

A moral adquirida

O sentimento de culpa inconsciente é um dos grandes temas abordados por Freud no *Mal-estar na cultura* (1930). Ele passa a ser trabalhado como uma das funções da instância psíquica Supereu. Será neste terreno que Freud colocará o sentido da moralidade na sociedade, vinculando-o a uma vertigem, o mal-estar, que existirá proporcionalmente à estrutura ética de cada indivíduo.

Tendo em vista a questão “O que sustenta a moral na sociedade?”, é cabível a elaboração de duas respostas: a primeira nos termos de *Totem e Tabu* (1913), isto é, no sentimento de culpa herdado que nos prende a um imperativo categórico. E a segunda, que não exclui a primeira, mas possibilita um desvio e outra reflexão sobre a ética, é a de que mantemos a moral através da interiorização da consciência de culpa, que desviaria o curso da violência, o que será explicado a seguir.

Freud, logo no início do capítulo sete (1930), coloca-nos a seguinte questão: “De que meio se vale a cultura para inibir, tornar inofensiva, talvez eliminar a agressividade que a defronta”. O autor nos diz que alguns desses meios já foram estudados – eles seriam as coerções estatais, mas o mais significativo ainda não teria sido evidenciado. A resposta para a pergunta que nos foi posta, e que evidencia a relevância da psicanálise para essa reflexão, poderia ser encontrada no desenvolvimento do indivíduo, na formação de seu psiquismo. Isso porque pensar em uma sociedade que restringe sua agressividade engloba assumir que seus membros inibem sua violência, o que nos coloca em uma cena propícia a refletir como isso se passa individualmente – embora o projeto não seja o de analisar subjetividades. Segundo o autor, essa agressividade que não se exterioriza retorna à sua fonte, ou seja, encontra seu fim no próprio Eu. Uma vez que Freud nomeia instâncias psíquicas⁷ que vêm a responder pelos processos que residem no psiquismo, esse evento dinâmico, o retorno da agressividade, pode ser colocado nos seguintes termos: o Supereu – que age como uma consciência – é quem impede o movimento violento e censura o Eu pelo seu projeto, fazendo-o sofrer. “O Eu se contrapõe ao resto como Supereu, e que, como consciência, dispõe-se a exercer contra o Eu a mesma severa agressividade que o Eu gostaria de satisfazer em outros indivíduos” (FREUD, 1930, p. 60).

O Supereu foi denominado assim primeiramente na obra *O Eu e o Isso* (1923), no entanto encontramos resquícios de sua gênese desde os *Estudos sobre a histeria* (1883), de Freud e Breuer, obra em que, no que se refere ao caso “Ana O.”, já se falava em um *eu rude*. O Supereu tratar-se-ia de uma instância que era acoplada ao Eu e acabara afastando-se dele, tornando-se um corpo estranho. Depois dessa separação, houvera uma tentativa de dominação, uma tiranização no sentido do Supereu para com o Eu. O evento da melancolia⁸ é privilegiado para essa leitura, pois é nesse caso que se vê mais claramente o trabalho sádico da autocensura. O Supereu possui duas funções, a de alimentar o ideal do Eu e a de censurar o Eu por não ser a encarnação desse ideal. No banquete totêmico, como foi dito anteriormente, os irmãos introjetaram o pai, no entanto, existe algo que foi impossível de ser digerido. Em outras palavras, não é possível tornar-se o pai, apesar de algumas características serem absorvíveis. Esse resto, que não vai para o ideal e nem para o Eu, se situa no Supereu. O conflito entre o Eu e o Supereu gerara o sentimento de culpa, que torna a pessoa incapacitada para a ação e a faz agir de modo a necessitar ser punida⁹, o que se passaria inconscientemente. O papel do Supereu fica bem ilustrado com a citação a seguir: “A civilização controla então o perigoso prazer em agredir que tem o indivíduo, ao enfraquecê-lo, desarmá-lo

7 Elaboração feita na segunda tópica metapsicológica, ou seja, após a virada de 1920. Essas instâncias são o Eu, Isso e Supereu.

8 Cf. *Luto e Melancolia* (1917).

9 Cf. *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico* (1916.).

e fazer com que seja vigiado por uma instância no seu interior, *como uma guarnição numa cidade conquistada*” (FREUD, 1930, p. 60).

Ora, se o conflito entre o Supereu e o Eu aparece como um sentimento de culpa, uma noção ética está pressuposta como estabelecida e aqui encontramos uma leitura do fenômeno diferente da abordada em 1913. O Eu é punido por desejar agir mal, mas a concepção do que é bom ou ruim não está prevista antes da experiência social, ou seja, trata-se de uma definição moral adquirida, o que se contrapõe à tese de filogenética de *Totem e Tabu*. Isso pode ser um falso problema, se considerarmos que os caminhos da experiência social simplesmente reiterariam aquele ao qual está, por condição, associado, uma vez que seria hereditário. Neste sentido, a sociedade funcionaria de modo a trazer à luz – com proibições explícitas – os percursos que seriam inconscientemente intoleráveis. De toda maneira, entendemos que encontramos neste apelo à experiência a possibilidade de uma leitura da ética freudiana que poderia resistir ainda que a teoria filogenética desmoronasse. Na letra de Freud, a propósito do que acabamos de dizer: “Com frequência o mal não é, em absoluto, uma coisa nociva ou perigosa para o Eu, mas, pelo contrário, algo que ele deseja e que lhe dá prazer. Aí se mostra, então, a influência alheia, ela determina o que será tido por bom ou mau” (FREUD, 1930, p. 61).

Mas por que o Eu se submete ao Supereu? Em outras palavras, por que o indivíduo não se rebela contra a moral social? Freud dir-nos-á que o desamparo, a dependência do outro e a necessidade de amor serão vinculadas à submissão. O indivíduo se comporta de acordo com a moral porque ele teme a perda do amor. Isso porque, na infância, ele associa a moralidade à figura do pai¹⁰. No caso do adulto, embora nem sempre, o lugar do pai é transferido para a sociedade, e ela ameaçaria e poderia, caso o recusasse, evidenciar o desamparo. Disso se seguiria que, uma vez que tanto a sociedade quanto o pai são externos ao indivíduo, só haveria a possibilidade de repreenda caso a má ação viesse a ser descoberta. A interiorização da moral no formato do Supereu torna esse caminho incontornável, pois uma vez que o Supereu reside e funciona no interior do indivíduo, ele sabe de suas intenções, punindo-o até mesmo por cogitá-las. O Supereu é uma instância sádica, que atormenta o Eu evidenciando suas falhas ao compará-lo a um ideal, cuja efetivação satisfatória seria necessariamente impossível, o que pode ser afirmado porque, segundo Freud, quanto mais eticamente uma pessoa age, mais ela sofre, por questões econômicas – a libido¹¹, que não encontra recurso de expressão no mundo, continua em circulação no psiquismo que a originou. Sobre a infelicidade do Eu como um beco do qual não haveria saída, Freud nos diz: “Nisso, a virtude perde algo da recompensa que lhe foi prometida, o Eu dócil e abstinente não goza da confiança de seu mentor, esforça-se – em vão – para conquistá-la” (FREUD, 1930, p. 61).

Conclusão

Assim, entendemos que o sofrimento daqueles que vivem em cultura advém das renúncias, às quais seria impossível não ceder se o que está em questão é viver em sociedade. Pensando na apresentação dos dois princípios fundamentais do psiquismo, poder-se-ia concluir ainda que, sem renúncias, não é sequer possível satisfazer as mais fundamentais demandas que são condições da vida, como a fome o é. É também motivo de sofrimento, nos termos de 1913, a herança da culpa como estruturadora

¹⁰ Isso ocorreria devido ao processo de identificação e ódio vinculados ao pai de acordo com a elaboração do Complexo de Édipo. O pai seria aquele que detém o poder porque impede a criança do acesso à mãe, o que é percebido como castrador pela criança, à qual foi imposto um limite.

¹¹ Energia que transita no aparelho psíquico.



social herdada; e, na perspectiva de 1930, o sentimento de culpa interiorizado que se caracteriza pelo Supereu. “A felicidade não estava nos planos da criação”. Na perspectiva freudiana isso está posto, pois a luta entre o Eu e o Supereu não pode ser finda, uma vez que a aceitação de uma concepção moral não é o suficiente para inibir o desejo, que raramente coincidiria com ela. Neste sentido, a violência é algo do qual não se pode desviar¹², pois ela sempre vai encontrar meios para sua expressão, ainda que seu caminho seja o constante retorno para o Eu, em um cenário no qual o indivíduo passa a ser ao mesmo tempo o sádico e o masoquista e vivencia o mal-estar.

Correspondência: Universidade Federal de São João Del Rei. Praça Dom Helvécio, 74. Dom Bosco. São João Del Rei, MG - Brasil. CEP: 36301-160. E-mail: igbolina@gmail.com

Apoio financeiro: Nenhum.

Conflito de interesses: Nenhum.

Todos os autores leram e aprovam a versão final submetida à revista *Em curso*.

Bibliografia

FLAUD, H. *Os fundamentos da metapsicologia no mal estar na cultura*. São Paulo: Escuta, 2002.

FREUD, S; BREUER, J. *Estudos sobre a histeria*. São Paulo: Companhia das Letras, 1895.

_____. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1930 .

_____. *O futuro de uma ilusão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1927.

_____. *Totem e Tabu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1913.

_____. *Formulações sobre os dois princípios do psiquismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1911.

MEZAN, R. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Recebido em: 19/Mai/2019 - **Aceito em:** 28/Nov/2019.

12 Isso porque a agressividade é um dos importantes polos da natureza humana na qual estão em jogo duas grandes forças, a saber: Eros e Tânatos.